

As estátuas portuguesas,
em exposição aguardando
por um museu, no forte de
Cacheu.

Visita de estudo a Cacheu, Guiné-
Bissau.

Paulo Tiago Cabeça.
CHAIA / Cátedra UNESCO, Universidade de Évora, Portugal

TransAtlantic Dialogs

Architecture, Public Art, Drawing
November 7, Thursday.

2:00 PM (São Paulo) / 5:00 PM (Lisbon)

Urbancreativity.org
CAP – Cadernos de Arte Publica; Public Art Journal



**TransAtlântic
Dialogs**

Architecture, urbanism, public art,
participation, drawing and environment.
Online and in Santos (SP/BR)

7, 8 and 9 November 2024

Abstract submission until October 20

Seminário Nômade Expedição Valongo
- Diálogos Transatlânticos
Diversitas USP e PPGEAHC UPMackenzie, Brasil
+
Seminar Architecture, Public Art, Drawing
Urban Creativity, CAP, CIEBA, FBAUL, Portugal

Conception and coordination:
Profª. Drª. Lillian Amaral (Brasil)
Ed. Dr. Pedro Soares Neves (Portugal)

More information and free registration: www.ap2.pt

TransAtlântic Dialogs

Architecture, urbanism, public art,
participation, drawing and environment.

Online and in Santos (SP/BR)

7, 8 and 9 November 2024

Seminário Nômade Expedição Valongo
- Diálogos Transatlânticos
Diversitas USP e PPGEAHC UPMackenzie, Brasil
+
Seminar Architecture, Public Art, Drawing
Urban Creativity, CAP, CIEBA, FBAUL, Portugal

Conception and coordination:
Prof^a. Dr^a. Lilian Amaral (Brasil)
Ed. Dr. Pedro Soares Neves (Portugal)

TransAtlantic
Dialogues
Seminar 7, 8 e 9
november 2024.

- Curated by Lilian Amaral (Brazil) and Pedro Neves (Portugal)
- Organized by Diversitas USP and PPGEAHC UPMackenzie, Brazil
- Co-organized by Revista Cadernos de Arte Pública, Portugal
- <https://www.youtube.com/live/JmdDeM2LnOI?si=hu8qkTxqJuTLIhxv&t=5122>

As estátuas portuguesas, em exposição aguardando por um museu, no forte de Cacheu.

Paulo Tiago Cabeça.

- Doutorando em história de arte. Colaborador do Centro História de Arte e Investigação Artística CHAIA e da Cátedra UNESCO em Património imaterial e saber-fazer tradicional: unindo patrimónios, da Universidade de Évora. tgcabeca@uevora.pt
- **Palavras-chave:** Estatuária, Estado Novo, Guiné-Bissau, Escravatura, Cacheu.
- Foto: Forte de Cacheu, Guiné-Bissau. 2023



História

- Os Mandingas, “uma etnia guerreira de África à altura dos espartanos” (Masoliver, 2021) invadiram a Guiné-Bissau no século 13 A.C. e fundaram o reino de Gabú (conhecido por império de Kansalá), vassalo do império do Mali no século 15.
- O navegador português Nuno Tristão descobre as costas da Guiné-Bissau em 1446 e a partir de 1450, os navegadores faziam o comércio dos escravos, do ouro, do marfim e das especiarias com este País. O monopólio dos portugueses terminou fim do século 17 quando comerciantes ingleses, holandeses e franceses começaram a interessar-se também pelo comércio dos escravos.*

• *Idem

• Foto: Guerreiro Mandinga em meados do séc. passado. In Masoliver (2021)

Diversidade de etnias

- Na Guiné-Bissau atualmente com cerca de milhão e oitocentos mil habitantes existem aproximadamente 30 povos ou grupos étnicos diferentes, cada qual com características distintas culturais, familiares e sociais. Os principais grupos étnicos da Guiné-Bissau são os Balantas (27%), os Fulas (23%), os Mandingas (12%), os Manjacos (11%) e os Papéis (10%)*
- Gomes Eanes de Zurara, na crónica do descobrimento e conquista da Guiné refere em 1453: “Esta gente desta terra verde é toda negra e por isso é chamada terra de negros ou terra da Guiné por cujo azo os homens e as mulheres dela são chamados de Guinéus que quer dizer o mesmo que negros” (Catálogo, 2016)
- *Porto Editora – Guiné-Bissau na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-02-15 12:52:14]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$guine-bissau](https://www.infopedia.pt/$guine-bissau)
- Foto: Albertina. Etnia Manjaco. formanda de cerâmica figurativa no Memorial da Escravatura e Tráfico Negroiro de Cacheu.





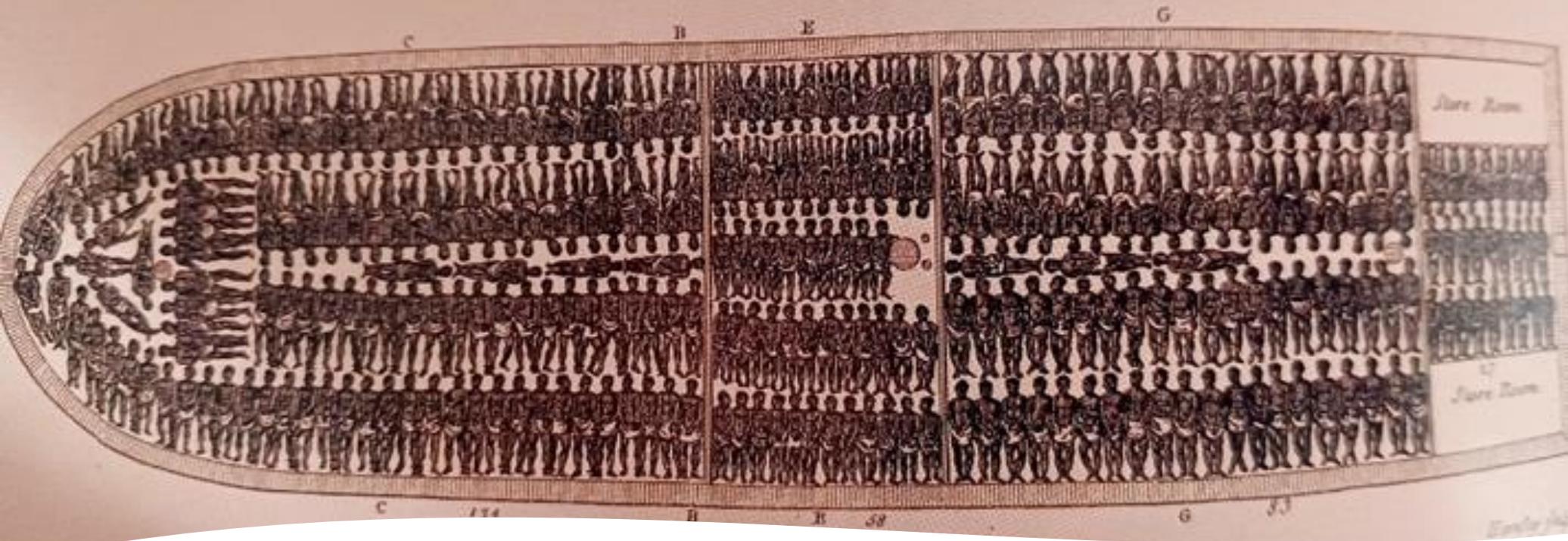
Escravidura

- No entanto é sabido que as rivalidades entre algumas destas etnias são antigas.
- Chegaram a ser utilizadas, estas animosidades, pelo colonialismo português como auxiliar na sua dominação e exploração, nomeadamente no comércio de escravos (PAIGC, 1974).
- Em África a escravização era uma realidade à chegada dos europeus. Etnias diferentes guerreavam entre si e vencedores faziam escravos dos vencidos.
- As habitações Balanta Felupe, por exemplo, eram no seu interior “mais labirintos que casas. E fazem desta maneira por causa de uma nação de negros chamados Bijagós (...) os quais têm continuamente guerra com estes (...) fazendo muitas presas” (Catálogo, 2016, p.16).
- Foto: Casa felupe na tabanca Beroto. Cacheu. Nov 2023

A escravatura como uma condição dos povos africanos.

- . “Existiam redes transafricanas que abasteciam de escravos muitos potentados africanos e longínquos mercados como os mediterrânicos, da Península Arábica e do subcontinente indiano até à China através do Oceano Índico” (Catálogo, 2016, p.19).
- A chegada dos europeus não introduzindo a escravatura alterou, no entanto, significativamente os equilíbrios políticos, as rotas comerciais, mas sobretudo alargou substancialmente a procura de escravos. Muitas das incursões pelo interior africano, levadas a cabo pelos europeus e onde os escravos eram também marcados a fogo, eram executadas por chefes locais.
- Foto: Fluxos da escravatura africana entre 1501 e 1867. Atlas of the Transatlantic Slave Trade, Eltis e Richardson, 2010. In: Catálogo (2016, p.31)

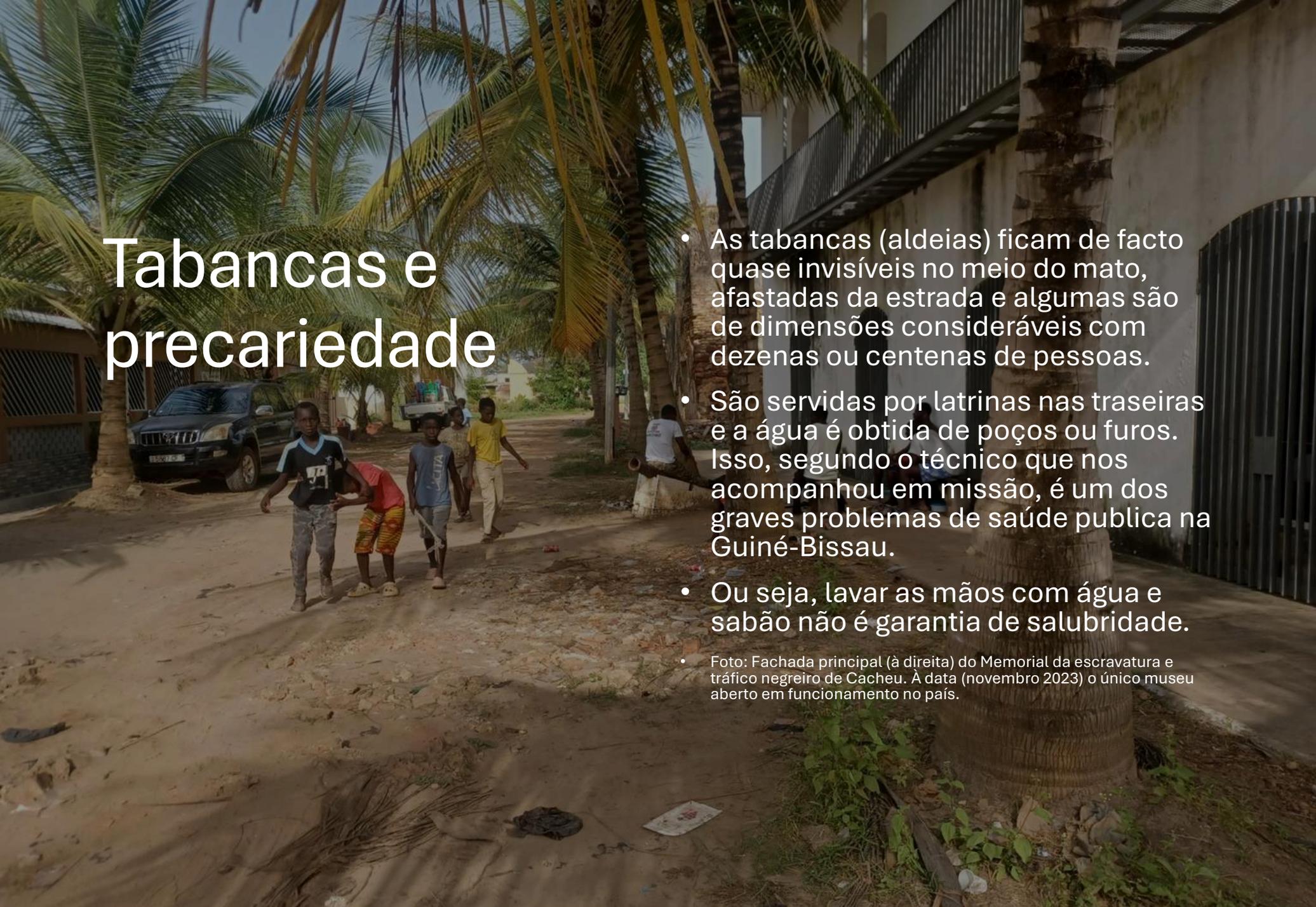




Crioulo

- O crioulo é a língua do “branco” criolada e terá surgido inicialmente na etnia Mandinga e Biafada também como uma consequência deste domínio pelos europeus. “Crioulo em português, criollo em espanhol e créole em francês referenciados desde finais do séc. XVI foram utilizados para nomear pessoas, plantas ou animais como seres nascidos em casa, nas colônias, mas não indígenas.” (Catálogo, 2016, p.27).
- A demonização do branco como a entidade que providencia, mas igualmente domina e submete, é tradicional e generalizada. Estende-se ainda na atualidade em relação ao próprio estado guineense, a quem continuam a apelidar de Alulum-âu, i.e., o “Branco”. (Bayan, 2015, p.185).
- Foto: Diagrama de navio negreiro de transporte de escravos. 1787. (Catalogo, 2016)

Tabancas e precariedade



- As tabancas (aldeias) ficam de facto quase invisíveis no meio do mato, afastadas da estrada e algumas são de dimensões consideráveis com dezenas ou centenas de pessoas.
- São servidas por latrinas nas traseiras e a água é obtida de poços ou furos. Isso, segundo o técnico que nos acompanhou em missão, é um dos graves problemas de saúde pública na Guiné-Bissau.
- Ou seja, lavar as mãos com água e sabão não é garantia de salubridade.
- Foto: Fachada principal (à direita) do Memorial da escravatura e tráfico negreiro de Cacheu. À data (novembro 2023) o único museu aberto em funcionamento no país.

Um país de super-homens e supermulheres.

- Muitos homens têm várias mulheres, não apenas os de crença muçulmana, e todas as mulheres invariavelmente têm vários filhos.
- Existem casos de mulheres, mas também de crianças, abandonadas à sua sorte quando doentes.
- Embora legalmente proibida, também a mutilação genital feminina é culturalmente praticada de forma bastante extensiva e até estará a aumentar, com mais de 50% das mulheres e crianças vítimas desta prática secular (Cajucam, 2019).
- As Nações Unidas descreveram a Guiné-Bissau como um “narcoestado” onde redes criminosas atuando no seio do governo têm vindo a financiar políticos para proteger o comércio ilícito de drogas. (ADF, 2022)
- “na Guiné-Bissau todos os que sobrevivem até à idade adulta são geneticamente os mais fortes, autênticos super-homens e supermulheres”*.

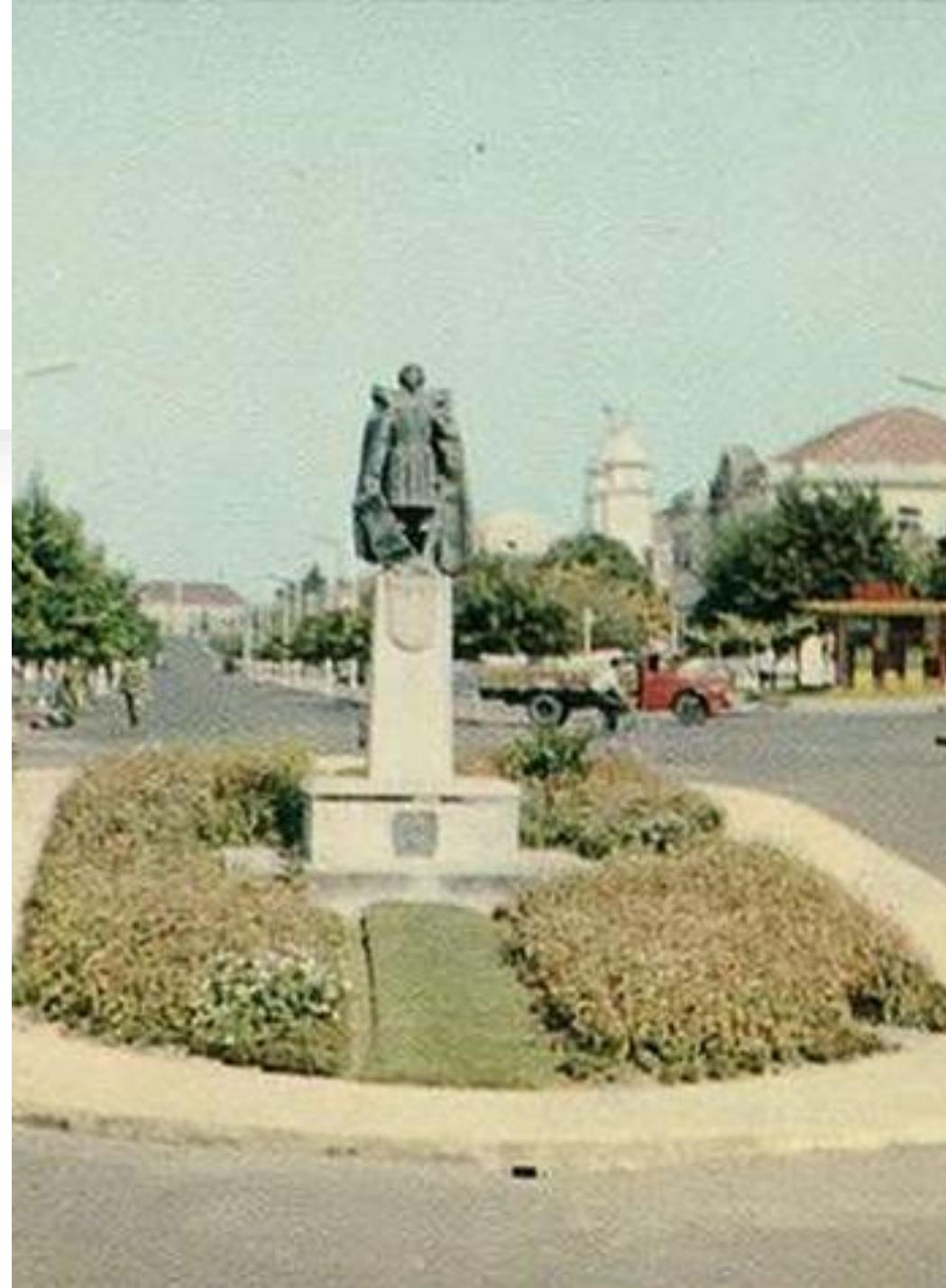
• * Testemunho de uma médica em missão no país.

• Foto: saco de água potável.



As estátuas do Império

- Durante o Estado Novo os monumentos constituíram-se, documentos privilegiados na (re)definição da imagem de Portugal (Correia, 2019).
- As chamadas *Praças do Império* identificam-se pelas “estruturas urbanas de representação do poder político estado-novista (...) um programa iconográfico de celebração da presença colonial” (Milheiro, 2014).
- A afirmação do poder da potência colonizadora expressava-se pela estrutura urbana, e pela estatuária que a coroava. Glorificavam os feitos e façanhas das descobertas, numa visão romantizada e exaltada do nacionalismo lusitano.
- Foto: Estátua de Nuno Tristão em Bissau. Erigida por ocasião do 5º centenário do desembarque do navegador em terras da Guiné. Série Postal Serra de Guiné-Bissau. 1960.



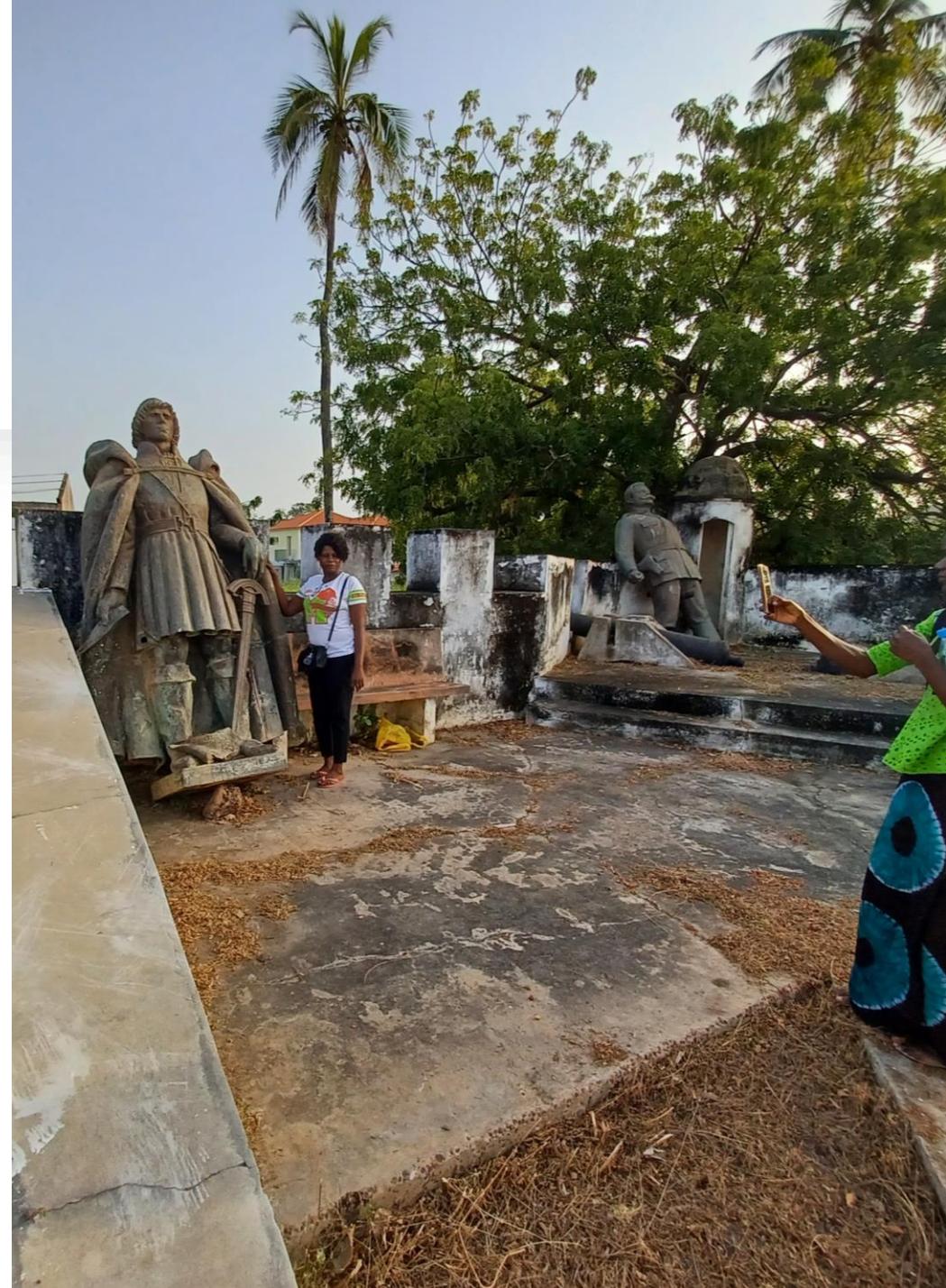
O modernismo como estilo oficial

- Grande parte da arte pública do Estado Novo compreendia monumentos e estátuas destinados a mostrar ao povo determinadas passagens ou personagens representativas da história nacional (Elias, 2007).
- O modernismo foi imposto como estilo oficial do regime por António Ferro (1895-1956), ideólogo da arte do Estado Novo.
- A escultura ganhou protagonismo como veículo de propaganda de um Estado de pendor nacionalista.
- Foto: Estátua do Navegador Português Diogo Gomes frente à Ponte Cais Pidjiguiti. 1969. Bissau.



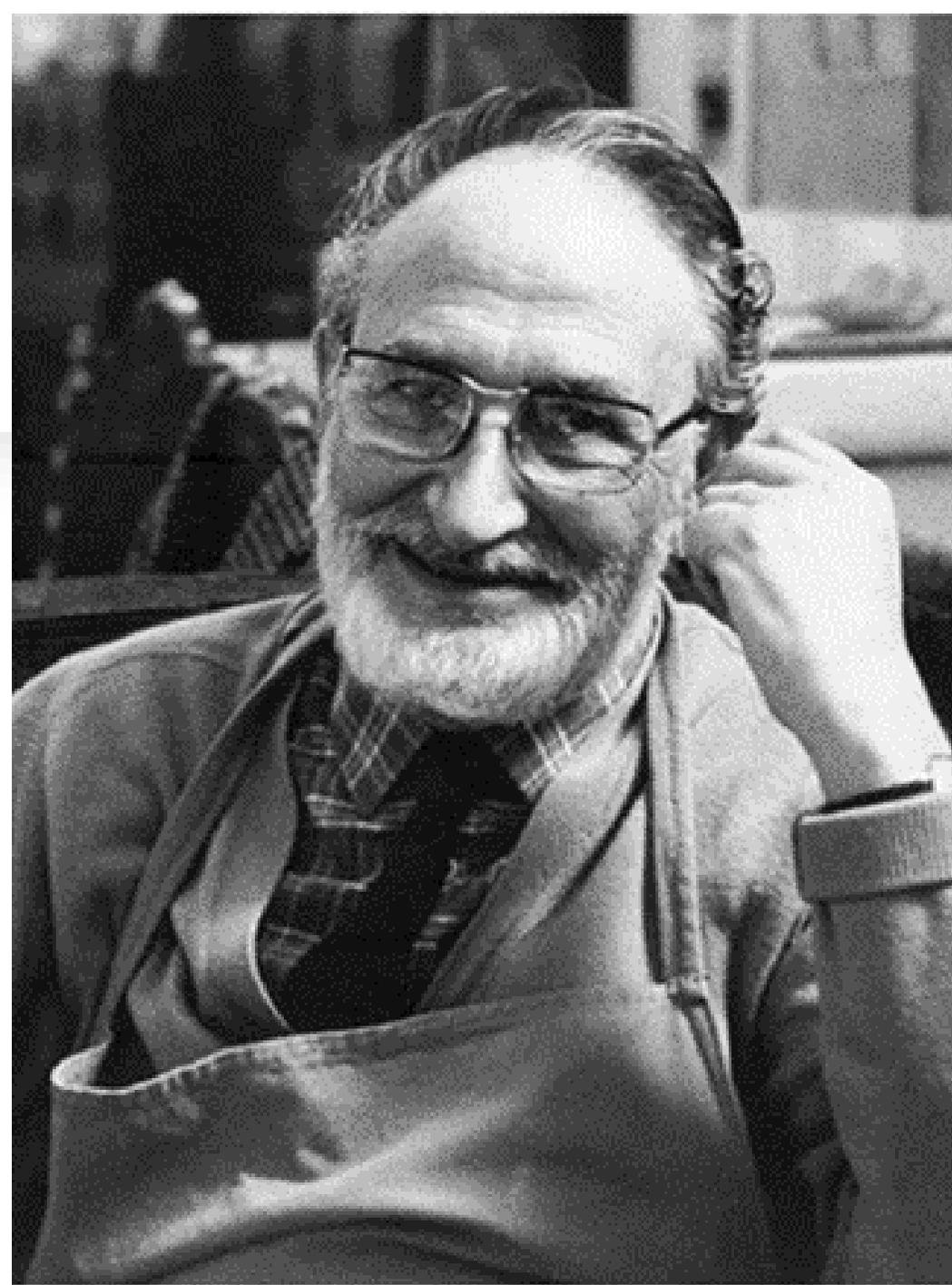
As estátuas do colonizador, mutiladas.

- À luz do contexto que explicámos anteriormente torna-se evidente que estas imagens representam para os locais ainda hoje não glorificações de gerações passadas antes símbolos de opressão, desumanidade e sofrimento.
- No forte de Cacheu existem quatro estátuas de bronze, algumas cortadas ou mutiladas, que representam respetivamente Diogo Gomes, Nuno Tristão, Honório Pereira Barreto, Teixeira Pinto.
- Foram obras encomendadas pelo estado novo a vários escultores portugueses cuja adjudicação ganharam por concurso ou distinção
- Foto: Estátuas de Nuno Tristão (esquerda) e João Teixeira Pinto (ao fundo) no forte de Cacheu, na atualidade.



A exaltação da pátria, que perdura.

- Se na Guiné-Bissau existem os que pretendem apagar essa memória também há quem considere que, pelo contrário, ela deveria ser preservada.
- Em Portugal, a ideia romantizada que perdura, na memória coletiva, é sempre invariavelmente a da coragem, grandeza, a exploração do desconhecido, os mares nunca dantes navegados.
- Na cultura popular veja-se o caso ainda hoje na música, por exemplo onde Fausto , Vitorino Salomé e até Madredeus são exemplos dessa exaltação melancólica pelo mar e pelo navegar do desconhecido, induzida pelo tema dos descobrimentos
- Foto: Escultor António Duarte (Caldas da Rainha, 31 de janeiro de 1912 — Lisboa, 2 de março de 1998) autor da estátua de Nuno Tristão, no Atelier-Oficina de Belém, 1983 . Um dos escultores de maior relevo pertencente à segunda geração de artistas modernistas portugueses. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha (Machado. 2015).



Feridas ainda abertas

- No entanto as descobertas marítimas são também, e talvez sobretudo, feridas profundas que ainda hoje atormentam e destroem povos e países.
- Histórias de sofrimento indizível perpetrado em seres humanos pelas mãos de seus semelhantes.
- Onde a cobiça, a ganância o abuso e o crime eram a realidade diária não só sobre gerações de homens, mas também e sobretudo sobre gerações de mulheres e crianças.
- Foto: Canhão português no forte de Cacheu, voltado para o rio.



Estátuas “à espera de um museu”.

- A relutância dos próprios dignatários do estado da Guiné-Bissau, que ainda atualmente não assumem claramente o repúdio das desterradas estátuas de Cacheu senão como umas “em exposição aguardando por um museu”, mostra que é um assunto complexo que provoca ainda uma dor profunda e não totalmente apaziguada por aqueles que sofreram com a colonização.

- Foto: Estátua de Diogo Gomes ou Diogo Gomes de Sintra, bronze. Fortaleza de São José de Cacheu, Guiné-Bissau na atualidade





Referencias

- ADF. (2022, set. 27). *Cocaína e Golpes de Estado Assolam Guiné-Bissau*. <https://adf-magazine.com/pt-pt/2022/09/cocaina-e-golpes-de-estado-assolam-guine-bissau/#:~:text=As%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20descreveram%20a%20Guin%C3%A9-Bissau%20como%20um,assuntos%20pol%C3%ADticos%20ao%20longo%20da%20hist%C3%B3ria%20do%20pa%C3%ADs.>
- Cajucam, Casimiro. (2019). *Guiné-Bissau - Aumento de casos de mutilação genital feminina*. Rádio Sol Mansi, Bissau. In: Vatican News. Consultado a 11 janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2022-04/guine-bissau-aumento-de-casos-de-mutilacao-genital-feminina.html>
- Catálogo. (2016). *Memorial da escravatura e do tráfico negreiro*. Cacheu. Guiné-Bissau. CPLP. Edição Acção para o desenvolvimento.
- Correia, Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos. (2016). *Monumentos, Território e Identidade no Estado Novo: da definição de um projecto à memorização de um legado*. Coimbra : [s.n.], Tese de doutoramento. Disponível na WWW: <http://hdl.handle.net/10316/28997>
- História da Guiné-Bissau. In: Assembleia Nacional Popular. <https://www.parlamento.gw/institucional/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau>
- Machado, Paula. (2015). *António Duarte. Comissão Municipal de Toponímia*. Brochura. Câmara Municipal de Lisboa. Depósito Legal 395497/15.
- Masoliver, Alfonso. (2021, janeiro, 25). *Los invencibles mandinga: una etnia guerrera de África a la altura de los espartanos*. La Razon. <https://www.larazon.es/viajes/20210125/qe2jv3rh2bf4llc3bese5ft7um.html>
- PAIGC. (1974). *História. A Guiné e as ilhas de Cabo Verde*. Paul Dupont. Paris.
- Foto: Cabeça de mulher. Barro (lamas do rio Cacheu). Guiné-Bissau.

Agradecimentos

- A visita de estudo que originou este artigo foi tornada possível por ter sido inserida no Projeto: Empoderamento das Mulheres pela Arte da Estatuária Urbana em África. 2023. Projeto internacional da linha Cultura e Património da Associação e do Instituto Marquês de Valle Flor (AMVF/IMVF) promovido pela Professora Doutora Maria Clotilde Almeida, coordenadora do projeto, que foi financiado pelo Instituto Camões da Língua e cooperação e apoiado institucionalmente pela Cátedra Unesco de património imaterial e saber fazer tradicional: unindo patrimónios, da Universidade de Évora.
- Este trabalho de investigação insere-se na tese de história da arte em desenvolvimento pelo autor intitulada: *O artesanato como processo criativo: o exemplo da barrística. Contributo para uma reflexão sobre a criatividade.*
- Foto: Formandas de cerâmica figurativa frente ao Memorial da Escravatura e Tráfico Negroiro de Cacheu. Nov 2023.

Livro do projeto disponível em papel na Amazon: <https://a.co/d/5LaeULE>
Em PDF no repositório da Universidade de Évora: <http://hdl.handle.net/10174/36845>

Filmes

S. Tomé e Príncipe https://youtu.be/KADot7_MZ8g Guiné-Bissau https://youtu.be/kTYd7f4r_pY
Cabo Verde https://youtu.be/UcsR2c_r33Q

TransAtlantic Dialogs

Architecture, Public Art, Drawing

Urbancreativity.org
CAP – Cadernos de Arte
Publica; Public Art Journal

Video do seminário:
<https://www.youtube.com/live/JmdDeM2LnOI?si=hu8qkTxqJuTLhxv&t=5122>

Paulo Hugo Santos de Jesus da Cabeça

CHAIA
CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA

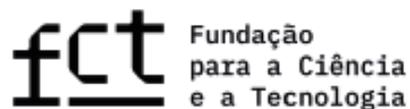


unesco

Cátedra



HERITAS [PhD] ESTUDOS DE PATRIMÓNIO



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR